

# Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar

II

*A missão principal do pensamento consiste em prever os actos e os acontecimentos, em conceber os fins e os meios, e em exercer sobre uns e outros o mais possível de influência.*

ALFRED ADLER

¿Que é, no conceito dum Ramalho, uma civilização? Que é a «influência duma elite sobre a obtusidade das massas»? ¿Que são as massas no ponto de vista da civilização e da cultura? Por uma tendência viciosa de generalização, tendemos a fundir civilização e cultura num conceito só, e tomamos como unidades no tempo e no espaço certos complexos de fenómenos, sob o nome de civilização grega, romana ou norte-americana. ¿Mas quais são os «índices» da civilização grega? Sócrates — ou os democratas puros, que o fazem perecer em nome da Ordem e da razão de Estado? Péricles, o ditador, é para muita gente uma das mais altas expressões da cultura e da civilização dos gregos. Não nos preocupamos de saber se a civilização americana é Ford ou Emerson, Hoover, ou Sinclair, se a inglesa é a rainha Victória ou Shelley, se o hebraísmo é Cristo ou Shylock, se a Alemanha é Kant ou Guilherme II. A simples consideração dêste facto essencialmente contraditório mostra a que ponto é frouxo o nosso conceito histórico de civilização, sobretudo quando circunscrito a uma raça ou a uma época.

Precisamente o americanismo é Witman, Emerson e Ford, do mesmo modo que a civilização do nosso tempo consiste na contradição aparente do fraccionismo europeu, da mística revolucionária dos russos e do tecnicismo norte-americano. Uma civilização é a unidade abstracta que resulta da estreita fusão histórica de elementos contraditórios. E a linha vertebral, dominante, duma evolução totalizada ou perfeita, não consiste na vitória de uma só tendência, mas no resultado da inter-acção dos factores mais opostos.

Os verdes e os vermelhos, os brancos e azuis de que um Ramalho, artista mas scéptico, espírito crítico mas fechado na esfera de cristal da literatura, fala com soberano desprezo, podem integrar num dado momento histórico as aspirações profundas, subterrâneas, duma civilização em conflito com ela mesma. Em certos momentos da história dum povo, a tensão política e social corresponde

a uma tensão moral de ordem tão grave, que só os verdes ou os vermelhos podem abrir-lhe um escape realizando uma brusca mudança de pressão. As grandes expansões civilizadoras nunca se efectuaram sem dor, e pode dizer-se que, sem os vermelhos e os verdes, raramente algum pensamento saiu da atmosfera transcendente da idea para o terreno agitado das transformações sociais. Os políticos, os revolucionários, são os técnicos da ideologia social.

O que leva à falência muitos intelectuais, é a sua falta de coragem, e de serenidade perante os acontecimentos, a sua obstinada crêncã na eficácia das ideas agindo como ideas, e não como instituições, — a sua pertinácia em recuar perante os fenómenos, não poucas vezes dolorosos, da fecundação e da gestação social das suas mesmas ideas. A persuasão pela lógica, pelos argumentos ou pela expressão pura e simples das ideas, não passa dum sonho, embora delicioso. Os adversários ideológicos da Democracia, se acabaram por aceitá-la após uma luta porfiada, fizeram-no apenas em obediência racional à lógica do adversário, nunca por via de convicção íntima, da sua affectividade política e social. A clareza das ideas, a fôrça dos argumentos do adversário, podem ter-lhes forçado as portas da razão, — nunca, ou muito raramente, o abstracto affectivo das ideas, que tarde ou cedo reagirá sobre estas decisivamente. Há uma grande diferença entre os pensamentos que lógica e voluntariamente exprimimos e aquilo para que tendemos espontaneamente. O que há de revelador nos indivíduos são as suas reacções espontâneas, súbitas, naturais, não as ideas de conduta a que chegaram trabalhosamente. As ideas representam muitas vezes uma reacção da lógica, da razão contra o *eu*. Mas se não passam de pura expressão, isto é, se não entram no domínio das instituições, da aparelhagem da nossa vida, resultam inteiramente ineficazes sob o ponto de vista educativo.

Ponhamos o caso duma sociedade organizada

sôbre o capitalismo (ou a propriedade particular), a religião católica, o individualismo liberal, a democracia burguesa que permite e facilita o acesso aos comandos de todos os indivíduos que se convertam à sua moral específica; admitamos que nesta sociedade, como a portuguesa, uma geração excepcional, como a de Antero, surge, prêgando as reformas urgentes que hão de ter por base a reforma do espírito. Nos partidos e fora dêles, enquanto se não discutir a forma de govêrno, as pessoas dos governantes, o regime de propriedade, as vias de acesso ao poderio, a igreja, e mil outros elementos que formam o mosaico duma sociedade em marcha,—todos os homens de mediana consciência estarão de acôrdo sôbre a «reforma do espírito». No fundo, muitos dêstes e a maioria dos outros rir-se hão dos idealistas, dos espirituais. Pouco importa, porém. Todos procurarão conservar-se no terreno do espírito. Escrever-se hão coisas admiráveis em nome de tôdas as encarnações do espírito. A própria imprensa chegará ao cúmulo de elogiar os idealistas—sobretudo em necrológios. Mas sempre, é claro, sob a condição de que todos se mantenham no terreno do espírito! Senão, ai dos idealistas, ai das amenas controvérsias, e dos amáveis louvores! Num dado momento, todos se darão as mãos para esmagar na sombra e no silêncio o idealista perigoso. Ou, porque o homem é falível, tentarão corrompê-lo com emprêgos, sinecuras, honrarias, ou saberão hàbilmente chamá-lo à cilada para o pôr em cheque, fazendo dele ministro, deputado, ou coisa assim.

Considere-se o caso da geração de Antero. Êste, ei-lo morto ao fim de muita luta e de mortais desilusões. Oliveira Martins, extenuado, escarnecido, censurado pelos republicanos, por haver cedido a uma excessiva boa-fé, ingenuidade ou inexperiência dos homens. O Eça, endividado, com um reduzido número de leitores, longe do meio que visceralmente repudiava (e êsse repúdio, deixemo-nos de eufemismos, é uma traição aos deveres do lutador), acaba no elogio à D. Amélia e na homenagem às graças duma côrte onde se trabalhava pelo engrandecimento do poder rial. O Ramalho, depois de haver crivado de sarcasmos e risos a sociedade, a monarquia, o próprio Hercúlo, — acaba repudiando o novo regime, quer dizer, tomando partido pela monarquia apodrecida, com todos os seus vícios e torpezas, o clericalismo, o poder pessoal do rei, animando, afinal, com o seu talento e o prestígio do seu passado a reacção integralista que, desde a couceirada a Monsanto, havia de encher de inútil e sangrenta perturbação a vida da República em Portugal. Deixemos de parte os menores dessa geração, os que nada significam na história do pensamento portu-

guês. O poder do pessimismo dêsse tempo é tão forte, que acabará por contagiar mesmo os que, na aparência, haviam tomado um rumo diferente: que faz, por exemplo, um Junqueiro? Génio poético e verbal de rara fecundidade e potência, ao serviço da necessária demolição, quando chegam as horas da construção, perde-se nas névoas duma baça filosofia que se resolve à beira da morté em pessimismo (a convicção de que a monarquia estava à porta) e de que lembro conceitos como êste que as turbas conservadoras (com o *Diário de Notícias* à frente) aplaudiram calorosamente: «A Escola sem Deus é o Universo morto e decapitado!» ¿Querem mais nítido regresso?—Gomes Leal morre, babando-se de crença aos pés da cruz do Catolicismo. Mas há mais. O génio trágico de Fialho (que, pelo tempo, pertence um pouco ainda àquela geração): qual foi, social e politicamente, o seu papel? Pior que o do Ramalho. A sua demolição fôra amarga, epiléptica, plebeia. A sua renúncia, o seu desespero, o seu negativismo ante o novo regime, mais amargos ainda, vãos de esperança, não subindo além das mais vulgares considerações políticas, como se a voz da própria monarquia falasse de além-túmulo nos seus panfletos. O próprio Teófilo se afunda, amargo e maledicente, no meio da troça e das raivas de muitos, rodeado por um reduzido grupo de intelectuais de quilate inferior. ¿E quem mais? quem mais? ¿Onde fica a obra social dos homens da grande geração? Onde estão os sinais da sua passagem, se fecharmos à chave as nossas bibliotecas?

¿Que importa na verdade que o Eça tivesse aspirado em Proudhon o seu «revolucionarismo», se havia de fi ar de pés estendidos para o fogo ameno, remexendo voluptuosamente em sonho as rendinhas do marquezinho de Blandford? ¿Onde está, sim a revolução do Eça? ¿Onde estão os resultados sociais da sua obra, se exceptuarmos uns scepticismos baratos, umas ironias fáceis, uns snobismos inspirados em Fradique, os lucros dos Lelos, a educação sexual das semi-irgens que andam por bailes promíscuos, umas dessoradas imitações de estilo, e pouco mais?

Considere-se a sociedade portuguesa de hoje, posterior a todos os últimos acontecimentos, e diga-se onde está a diferença íntima, essencial, estrutural, nos homens ou nas coisas, que tenha vindo do Eça e dos seus contemporâneos. ¿Onde estão as diferenças que não provenham da irreverência dos caricaturistas, das campanhas políticas, do exaspero do povo, do sangue derramado, do heroísmo plebeu, da paixão, do misticismo, enfim? Os mesmos poderes sociais nos comandam. Os homens de hoje ainda se curvam às mesmas fôrças económicas. E, em geral, são idênticas às dêsse tempo

as tendências da nossa cultura. Os abades corruptos prosperam, proliferam. Os milagres renovam-se e prestigiam-se, sob a sanção eclesiástica. Os Acácios reluzem. A mentira continua arvorada em regra de conduta — na ciência, no jornalismo, na política, em tudo. As conviências duvidosas permanecem. As tranquibérnias dêsse tempo multiplicam-se inconcebivelmente. Os Burnay, os Ulrich, os Alfredo da Silva, os Pereira da Rosa, os Elio do Rego, os monopolistas de facto e de direito refinaram. A C. P., Ali-Baba fabuloso de quarenta directores, a moagem e os seus quarenta maiores... ¿Mas para que tentar um esbôço de retrato? ¿para que insistir nesta verdade elemental — tôda a grande geração, na ordem social, não deixou nada, nada? (\*) ¿Que fêz a prêgação de todos êles contra a ignorância e o analfabetismo do povo, que são o maior instrumento do nosso atraso, a *ancilla* da reacção? (¿Que poderá produzir, na verdade, a acção isolada de meia dúzia de intelectuais honestos, num meio crasso de ignorância, avêssô ao progresso das ideas e das técnicas, anquilozado pela reacção religiosa, política e social, pela fome, pela exploração capitalista, pela especulação de umas centenas de indivíduos que fazem da sua pseudo-cultura as ventosas duma voracidade insaciável?... ) ¿Que produziram contra o parasitismo, a rotina e o marasmo da nossa economia? ¿Contra a nossa miserável emigração? ¿Contra os estados de infecção permanente das nossas aglomerações urbanas, das escolas e das oficinas? ¿Contra a aceitação passiva das ideas feitas, das fórmulas e das hierarquias tradicionais? ¿O quê, afinal? A República mesmo, não é obra dêles. Os que chegaram a vê-la, souberam só repudiá-la ou não tiveram a coragem de levá-la às suas legítimas conseqüências. A República foi obra duma ardente fé popular, duma grande rajada retórica e da podridão da monarquia insustentável. E de resto, se exceptuarmos meia dúzia de leis fundamentais e a intervenção de Portugal na guerra (que encaro unicamente como demonstração da vitalidade prodigiosa do novo regime na ordem interna e internacional, e como um desafio ao autoritarismo reaccionário), a vida da República tem sido uma longa luta, surda umas vezes, outras patente, da reacção contra a democracia.

Considerem-se agora os homens da geração presente, os intelectuais que, de Antero para cá, foram os únicos a assumir atitudes e responsabilidades

perante os acontecimentos. Basta lembrar a situação em que se encontram. ¿Será, então, necessário acreditar que os homens do Espírito ou serão banidos ou estrangulados?

A verdade é que, com raras excepções, êsses homens fizeram dos seus apostolados, das suas lutas, simples exercícios espirituais — duelos, diálogos, controvérsias para raros, prolongados *corps-à-corps* filosóficos e culturais, — possuídos da certeza de que o reduzido número dos seus leitores constituirá *necessariamente* a elite da qual esperam a solução dos problemas portugueses. A multidão, o povo, se preferem, desapareceu quasi que por completo dos seus escritos, — o povo que é o instrumento e deve ser, em democracia, o terreno e o fim das grandes lutas e renovações sociais. A reforma da mentalidade não pode estar na simples especulação de ideas, nos torneios isolados em que os adversários se vão rendendo ou tombando, — mas na condução harmoniosa e total das massas aos objectivos da renovação nacional. É preciso não confundir o homem do povo com o plebeu promovido a pequeno ou a grande burguês. Essa metamorfose realiza-se em geral à custa duma corrupção do que há essencialmente popular na alma dos indivíduos e das massas, e êsse é o perigo maior das democracias liberais, cujos poderes, cujos comandos se recrutam precisamente nas fileiras de homens pseudo-populares e de aristocratas aderentes. O povo é, socialmente, a única massa plástica, receptiva, capaz de consagrar e vivificar os pensamentos dos intelectuais. É essa ausência da « massa » que constitue a maior fraquesa, senão a impotência ou ineficácia das tentativas dos intelectuais.

Leio no artigo do sr. Castelo-Branco Chaves: « A revolução é para êle (Eça) o factor dinâmico da evolução das sociedades e do progresso humano, um « facto permanente » contra o qual... » etc.

Teríamos então um Eça marxista, preconizando a revolução permanente, uma espécie de precursor de Trotsky? Longe disso. Para Eça a revolução consiste... na evolução. É a transformação automática, mecânica, das coisas. É o progresso social que vai de « su próprio peso », sem que intervenha nele a vontade orientadora e criadora do homem. Para êle a revolução « não é o motim, a luta da fôrça, a « balbúrdia sanguinolenta », a expansão jacobina das paixões e de misticismos sociais ». (\*)

(\*) Repito, ainda uma vez, que sendo a lição moral e espiritual de Antero das mais belas do nosso passado, o curso da sua vida e o seu fim nos dão que pensar quanto à atitude a assumir perante o meio. Mas não é demasiado insistir nas diferenças de ambiente social de hoje e do seu tempo.

(\*) Aceitemos, por comodidade, como exactos todos êsses termos de sentido vago, elástico, que são, no domínio da psicologia individual e colectiva e da filosofia, verdadeiros enigmas — paixão, fôrça, misticismo, etc...

Que é, pois, a revolução? Simplesmente — o *surge et ambula* intelectualista. Consiste em produzir ensaios e artigos modelares, de estilo apimentado e com recorte elegante, em pronunciar conferências modelares que implicam risonhamente com a moral burguesa, — e em ir para casa, lido o *Figaro* e o *vient-de-paraitre*, de chinelos, no agasalho confortável dum lar burguês, esperar que o mangerico da revolução cresça cá fora, dê cheiro e floresça... A revolução (como diria o querido e prudente Emílio Costa), — *se a burguesia quizesse*... Revolução de varinha mágica. Por imposição de mãos, ou arte de toque, ou Espírito Santo de Élite... Ou então, em esperar que o progresso da biologia ou o dos meios de transporte realizem, só por êles, a transformação social. Sabemos hoje que essas formas de progresso entram no progresso social como factores de excitação, de aguçamento dos conflitos sociais, e como

bases duma transformação filosófica. A verdade é que essa nobre geração acreditou demasiado no poder mágico e automático das leis da Sociologia, da Química e da Física, como se, fora do *contrôle* e da vontade do homem (para não falar dos fenómenos que escapam à nossa intervenção) elas pudessem realizar, e só elas, a necessária renovação social.

Foi o que a grande geração não conseguiu fazer. Veja no que deram as tentativas reformistas de Oliveira Martins. O papel dos intelectuais, nas combinações dessa espécie, é ficarem « comidos ». Nem o socialismo, em Portugal, escapou dessa miséria!

(Conclui)

JOSÉ MIQUEIS

# V O L T A R

Atravessei a maior parte da Espanha de noite, mas desde S. Sebastian que já ouvia falar português.

Em Medina del Campo com a mudança de combóios cresceu o número de compatriotas.

Afora dois casais, um de suíços e outro de franceses, e um estudante alemão pesadote, tudo pela pinta e pelas palavras escapadas, quer no no corredor, quer no meu compartimento, era legitimamente português.

Quando então a confiança aproximou e animou três faladores que se empenhavam em deslumbrar o alemão com as excelências do nosso solo e da nossa hospitalidade, quixotesca e descritas, Portugal baforava de janela a janela.

O francês que vinha com a noiva pela primeira vez a Portugal dizia que *c'était un pays pauvre...*

¡Riquíssimo! diria o alemão salteado pelos meus três compatriotas.

Atravessando já de dia as terras de Castela, baixas, com o céu muito aberto a pouca altura, árvores escassas, gente vagarosa a pé ou a cavalo, lembrava-me muito de certos trechos de Portugal. Era um ar pátrio que me reconfortava. Não era a sensação do bonito nem do feio, era a do familiar.

Até as fantasias e as intemperanças dos três

propaladores das nossas belezas me repintavam tipos não esquecidos e bem vulgares...

Em mim, qualquer coisa interior começava a sentir aquele arranco das mudanças desejadas, embora de antemão se saiba que trazem surpresas, acomodações que revolvem o espírito e o fazem notar os pequenos abismos superáveis.

Voltar, é bom...

Um pai muito novo e um rapazinho encantador deram-me o gôsto de sorrir, de sentir amabilidade e simpatia.

Mas logo cá as boas falas, os olhos escuros amoráveis e o espírito comunicativo que paira me foram lavando e desempoeirando do possível poço.

No entanto... comparar, observar é quasi independente, espontâneo e de uma liberdade relativa, a par da affectividade que nos faz ter gôsto ou desprazer.

Entre os que conheço, por exemplo, num carro ou num combóio onde tôdas as caras me são familiares, embora a ninguém fale, sinto o conchêgo, uma distensão de nervos e uma calma que nunca entre estranhos — estrangeiros — sentiria.

No entanto estes meus olhos bem vêem que todos se acirram por se distinguir uns dos outros. Que as castas e as classes além de se apartarem